

UM DEPOIMENTO FRANCÊS SÔBRE A INQUISIÇÃO EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII.

Em 1762 foi publicado em Londres um veemente panfleto de ataque à Inquisição escrito em francês por um português exilado, que o Santo Ofício, no ano anterior, queimara em estátua, no último Auto da Fé realizado em Portugal. Trata-se de *Le Chevalier d'Oliveyra brulé en effigie comme Hérétique. Comment et pourquoi?* (1) obra de Francisco Xavier de Oliveira. Este autor, cujo afastamento de Portugal, durante 51 anos, constitui o caso de mais longo exílio de escritor lusitano, nunca abdicou da sua nacionalidade, nem da língua materna, nem do interesse pelos problemas do seu país, e se utilizou o francês na maior parte da sua obra fê-lo por razões estratégicas, dada a difusão que esta língua permitia na época aos ideais que pretendia espalhar.

O panfleto em questão teve pouca repercussão nos círculos intelectuais europeus. O caso que lhe deu origem mereceu a honra de um folheto atribuído a Voltaire (2) e no qual, num estilo saboroso que realmente se assemelha ao do patriarca de Ferney, o autor, começando por se dirigir ao Cavaleiro

(1). — *Le Chevalier dyOliveyra brulé en effigie comme Hérétique. Comment & Pourquoi? Anecdotes & Réflexions sur ce Sujet, données au Public par lui-même.* A Londres. De l'Imprimerie de J. Haberkorn, dans Graston-Street St. Ann's Soho; & se vend chez W. Nicoll, dans St. Paul's Churchyard. M.DCC.LXII.

Este livro é hoje extremamente raro: dêle existem apenas dois exemplares conhecidos, um na Biblioteca de Lambeth, em Londres, e outro na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Em 1954 tivemos oportunidade de consultar o de Lambeth que, ao contrário do que se poderia esperar da boa organização bibliotecária inglesa, se achava jogado num corredor, ainda sujo do fumo do incêndio que destruiu, em 1940, durante os bombardeamentos de Londres, parte do Arcebispoado de Cantuária.

(2). — *Épître au Chevallier d'Oliveyra sur le dernier acte de foi de Lisbonne.* A atribuição a Voltaire é discutida. O folheto, entretanto, é mencionado por Georges Bengesco, *Voltaire, Bibliographie de ses oeuvres*, Paris, Perrin, 1882-1890, 4 vols. (vol. IV, pág. 293, n.º 2333).

O vous de la triste figure
Preux Chevalier d'Oliveyra
A Lisbonne votre peinture
Vient d'expier par la brûlure
Le grand scandale que causa
La peu catholique brochure
Que votre plume composa...

termina (depois de se referir longamente ao caso do padre Malagrida, queimado na mesma execução) rejubilando-se com Oliveira por se encontrar longe do poder do Santo Officio:

Puis refusant tout oremus
Lui, la brochure et votre image,
En cendres jettés dans le Tage,
Dieu sait ce qu'ils sont devenus!
Mais Concluons loin de l'orage,
Vous & moi par gaudeamus.

Além desta referência, e apesar da atualidade do assunto, percorrendo as revistas francesas da época conseguimos apenas encontrar uma crítica ao livro de Francisco Xavier, no **Journal Encyclopédique** de 1 de abril de 1762 (3). Trata-se de um documento de certo interesse para a cultura portuguesa, porque constitui um testemunho, insuspeito pela serenidade com que é prestado, da forma como a intelectualidade europeia encarava os problemas ideológicos em que se debatia Portugal. Achamos portanto que valeria a pena retirar este artigo das páginas do **Journal Encyclopédique** e publicá-lo na íntegra. Antes, porém, de o fazermos, traçaremos um perfil à **vol d'oiseau** do autor do panfleto que a revista francesa critica e historiaremos, também sucintamente, a sua evolução religiosa.

Quando Francisco Xavier de Oliveira saiu de Portugal, em 1734, já com 32 anos, nada parecia indicá-lo para o papel de panfletário que assumiu a partir de certa altura da sua vida. Jovem lisboeta, filho de um Contador dos Contos do Reino e Casa, que viveu mais de vinte anos no estrangeiro sem poder prestar-lhe assistência paterna, o futuro Cavaleiro de Oliveira passou os primeiros trinta anos da sua vida num ambiente de estroinice. Aproveitando as facilidades de que a pequena fidalguia portuguesa desfrutava na primeira metade do século XVIII, levou Francisco Xavier a vida boêmia e desregrada da

(3). — Quota da Bibliothèque Nationale de Paris: Z 51 274-52 118; Gonçalves Rodrigues refere-se-lhe, e resume-o, in **O Protestante Lusitano**, Coimbra, 1950.

Lisboa do seu tempo; mais tarde encontraremos no **Amusement Périodique** a descrição pitoresca, feita num estilo a que a língua estrangeira não retira um sabor bem português, do que era essa vida. Como normalmente acontecia com os filhos-família dessa meia fidalguia a que pertencia, por volta dos trinta anos resolveu tomar assento mais regular e casou. O Professor Fidelino de Figueiredo, que estudou a figura do Cavaleiro do ponto de vista do donjuanismo (4) aponta-o como um dos expoentes portugueses dessa atitude perante a vida e o amor. Francisco Xavier foi, na verdade, um Dom Juan, mas sem implicações satânicas, nem complicações metafísicas. Na sua carreira donjuanesca encontram-se aliás bastantes contradições, a primeira das quais é, precisamente, o seu casamento. O Cavaleiro, depois da vida dissoluta que levou até aos trinta anos, casou por amor. Não seguiu, portanto, a linha clássica do donjuanismo, nem, aliás, a carreira do grupo da fidalguia de meia tijela com que privava. Ambas lhe indicariam naturalmente o caminho do casamento de conveniência. Adiante encontraremos outras contradições, em relação a alguns aspectos importantes da sua vida, por parte deste homem inconstante e vário.

Três anos durou o seu primeiro casamento, pois D. Ana Inês de Almeida, que assim se chamava a primeira mulher do Cavaleiro, morreu em 1733. Viúvo aos trinta e um anos, não voltou Francisco Xavier, ao que parece, à boémia do tempo de solteiro. As relações intelectuais que mais tarde manteve, mesmo nos momentos mais difíceis da sua vida, com alguns escritores portugueses de reconhecida probidade, como por exemplo Diogo Barbosa Machado, atestam que aproveitou bem os três anos de casado e o ano de viuvez que ainda passou em Lisboa, para, com a vivacidade de espírito que o caracterizava, frequentar as rodas cultas e constituir um certo cabedal cultural, de que mais tarde bastante aproveitaria. Alguns meses depois do falecimento de D. Ana Inês, em princípios de 1734, morreu também seu pai, nessa altura Secretário do Conde de Tarouca, Embaixador de Portugal junto da Côrte de Viena. A seriedade do pai, funcionário cumpridor, que servira à diplomacia portuguesa durante 26 anos, deve ter induzido o Conde a convidar Francisco Xavier a assumir o lugar vago. A situação económica do Cavaleiro, que não era brilhante, e a enorme curiosidade pelo mundo, que mais tarde se manifes-

(4). — *Crítica do Exílio*, Lisboa, 1930, págs. 180-269.

taria na sua obra, tudo isso o levou a aceitar açodadamente o convite, e a partir para Viena em abril de 1734.

Verifica-se nesta ocasião a primeira mudança importante na vida de Francisco Xavier: o transplante de um português, criado numa atmosfera freirática fechada ao convívio do mundo, habituado a uma boêmia mesquinha, com ciganas, artistas teatrais de décima ordem, e torneios de outeiros de convento, para uma côrte brilhante, tumultuosa, um pouco provinciana, é certo, mas assim mesmo com um nível artístico bastante elevado, como era a de Viena nessa época. Para o autor do **Discours Pathétique** os primeiros tempos foram de deslumbramento. A sua admiração de **parvenu** transborda, principalmente, nas **Cartas** e, mais tarde, no **Amusement Périodique**. Aí nos conta, com verve irresistível, aventuras galantes com princezas e condessas aventureiras, aí inventa, mente, romanceia, discreiteia sôbre o amor, com **A grande ou pequeno**, num estilo que ainda não foi estudado como merece e que é uma pitoresca mistura de português castiço e rude com um francês precioso e hesitante. Aí também, pela primeira vez, surgem alusões, referências, que nos deixam dúvidas quanto à solidez das convicções religiosas que trouxera de Lisboa. Estas referências, porém, não ultrapassam ainda o plano dos ataques ao homem para atingirem as instituições:

“Frade que passeia em carroça por exercício, que falta aos votos por política, que governa o mundo por teologia, que trata os grandes por decôro, que comunica às damas por civilidade, que se enche de furor contra os donaires e a meiguice por quem os traz, que contende com os seus companheiros, que ameaça e se vinga dos seus seculares e que persegue a muitos dêles correndo atrás de suas mulheres, tudo isso é de ser frade como Frei Henrique, e sendo um homem assim pior que o diabo, vós bem sabeis que se o Diabo pode ser Frade, não pôde, nem poderá jamais ser Religioso” (5).

Não é ainda nesta Côrte libertina que Francisco Xavier perderá a fé em que foi criado. Numa das **Cartas** (6) continua a referir-se à sua

“Religião e à Igreja Católica em que tive a felicidade de nascer e em que espero acabar”.

(5). — *Cartas familiares, históricas, políticas e críticas, etc.*, Lisboa, 1855.

(6). — *Ob. cit.*, carta LIII.

Em Viena viveu até 1740. Tal como nos últimos anos de Lisboa, a solidão de Dom Juan começou a pesar-lhe nos ombros e em 1739 casou pela segunda vez. Casamento também de pouca duração, pois cêrca de um ano depois o Cavaleiro saiu da capital austríaca (7) para a Holanda, e sua mulher veio a falecer, sem o rever, em 1742, quando êle ainda se encontrava neste país.

Com a transferência de Viena para Amsterdam verifica-se uma mudança de direção na sua vida, muito mais importante do que a primeira, pois já nos dá algumas luzes sôbre o papel que o escritor viria a desempenhar no capítulo ideológico. Com efeito, ao partir de Lisboa para Viena, a existência de Francisco Xavier sofreu apenas uma alteração de grau; o seu tipo de vida conservou a mesma natureza. Com mais ou menos aventureirismo, com mais ou menos rudeza, com mais ou menos espírito, o seu comportamento no ambiente austríaco continuou sendo o mesmo que era em Lisboa. Refinou os hábitos, poliu os costumes, subiu no nível das aventuras galantes, mas fundamentalmente a sua estrutura não se alterou.

Na Holanda, porém, onde passou quatro anos, abriram-se-lhe novas perspectivas que determinariam uma mudança substancial, ainda que não decisiva, não somente na sua posição religiosa como, de modo mais geral, na sua cosmovisão. Mais tarde êle dirá, precisamente no opúsculo que motivou o artigo que a seguir publicamos, que

“pela graça e a misericórdia de Deus já tinha reconhecido nesse tempo a falsidade da Religião Católica Romana na qual nascera. Já a encarava apenas como uma comunhão errônea e cega pela superstição e a idolatria”.

Confessa, entretanto, com o maior desprante, que os seus interesses particulares passaram por cima da manifestação das suas convicções religiosas e escreve:

“mas eu tinha que ter cuidado com os meus interesses, a minha fortuna e a da minha família e não ousava ainda declarar abertamente os meus sentimentos”.

Forçado a ganhar a vida, pois se encontrava sem quaisquer recursos, Francisco Xavier de Oliveira resolveu dedicar-

(7). — A sua partida para Viena acha-se ligada a um caso, ainda hoje incompletamente esclarecido, de desvio de documentos, na Embaixada, após a morte do Conde de Tarouca.

se à carreira literária, para a qual possuía inegáveis dotes. A Holanda da época era o país mais indicado para a atividade que pretendia exercer, pois o movimento editorial nos Países Baixos era então intensíssimo. Acentue-se ainda que essa intensidade se verificava sobretudo no capítulo da edição de obras de polêmica religiosa que passavam, aberta ou clandestinamente, as fronteiras e que atuavam com força decisiva na grande luta filosófica que então se travava. Na sua segunda transplantação o Cavaleiro de Oliveira achou-se pois lançado no ambiente de maior efervescência ideológica da Europa. E' natural, portanto, que nas obras que aí escreveu ou publicou comece a transparecer certo indício da heterodoxia que se manifestaria mais tarde abertamente: alguns elogios à liberdade de credos de que a Holanda gozava, certas referências aos prejuízos morais causados pelo celibato dos padres, os primeiros ataques à Inquisição, citações de autores "anti-papistas", etc.

Não se pode afirmar, contudo, que a transformação decisiva no pensamento de Oliveira tenha sido dada a público enquanto êle viveu na Holanda. Aí certamente, como leitor insaciável que era, se abeberou de novas idéias, confrontou novos sistemas e discutiu com gente de pensamento diferente. Foi na Holanda que se travou o combate íntimo que mais tarde explodiria no afastamento da religião católica. Entretanto, para cobrir a heterodoxia, embora tímida, que seus escritos começam a revelar, faz declarações claras de fidelidade à religião de seus pais:

"J'espère vivre & mourir bon catholique & bon portugais. Ces deux qualités que je tiens pour les plus honorables, je tacherai de les conserver sans la moindre alteration. Le zèle de ma religion & l'amour de ma Patrie sont mes deux guides inséparables" (8).

Observemos, contudo, que nesta altura o Cavaleiro ainda contava que Portugal fôsse o mercado natural para as suas obras e que estas declarações ostensivas, e mesmo deslocadas no prefácio das **Mémoires**, se destinam, como êle confessa, a evitar que o livro seja apreendido à entrada em Lisboa. Precaução inútil, porém: a Inquisição Portuguesa seqüestrou-lhe realmente os livros. Em primeiro lugar as **Memórias de Viagens**, depois as **Cartas familiares, históricas, políticas e críticas**.

A condenação foi provocada, em princípio, por uma **Carta em que Francisco Xavier ridicularizava o celibato religioso**.

(8). — *Mémoires*, etc., cit. por Gonçalves Rodrigues, op. cit.

Foi êste o primeiro contacto do escritor com o Santo Ofício que, cêrca de vinte anos mais tarde, passaria da obra ao homem e o condenaria, como hereje, a ser “relaxado em estátua”.

Durante êstes vinte anos travou-se uma luta de morte, comovedora pela desigualdade de fôrças dos contendores, entre o Cavaleiro e a Inquisição. Refugiado em Londres, para onde partiu em 1744, e onde casou pela terceira e última vez, Francisco Xavier abjurou a religião católica e aderiu ao protestantismo, em 1746. Em tôdas as obras que publicou depois desta data o **leit motiv** é o combate contra o Santo Ofício. Utilizando doravante apenas a língua francesa, que lhe permitia atingir um público mais largo, começou a publicar, cinco anos depois de chegar a Londres, o **Amusement Périodique**, de que saíram três volumes, e onde a sua pena se mantém ainda no plano da leveza, em que aliás a sua obra conseguiu realizar-se mais completamente. As flechas dêsse estilo ligeiro e faceto atingem a Inquisição com mais eficiência do que os elementos eruditos com que o autor mais tarde a ataca.

Em 1755, quando do terremoto de Lisboa, acontecimento de tão grande repercussão no debate ideológico que então se travava na Europa, o exilado entrou na querela filosófica que a calamidade provocou com duas obras: **Discours Pathétique au sujet des Calamités Présentes Arrivées en Portugal** (publicado em Londres, em francês e inglês em 1756) e **Suite du Discours Pathétique ou réponse aux objections & aux murmures que cet écrit s'est attiré à Lisbonne**, de que se anunciou também uma edição inglesa (9).

Nestes dois livros abandona o Cavaleiro definitivamente o estilo leve e entra na veemência do panfleto. À agilidade mental dos primeiros livros sucede um ímpeto, por vêzes desordenado, mas sempre racional e lógico, que torna o **Discours** e a **Suite** duas peças de certo valor na querela filosófica provocada pelo terremoto. Na abundante bibliografia que o desastre

(9). — “Conformando-nos com as disposições dos Sumos Pontífices ordenamos que se passasse a presente pela qual Auctoritate Apostolica, e virtude de Santa Obediência, e sob pena de Excomunhão maior Late Sententiae, cuja absolvição a nós reservamos, mandamos a tôdas e quaisquer pessoas, de qualquer grau, ordem, estado, condição, dignidade e preeminência que sejam, cujos nomes, e cognomes aqui havemos por expressos, e declarados, que tiverem, ou à sua notícia os ditos Cadernos, e Livrinhos, acima confrontados, ou quaisquer obras dos mesmos Autores que já tenham saído à luz, os não lelam mais do dia em que esta nossa Carta fôr publicada...”. “Dado em Lisboa... aos 8 de outubro de 1756...”. Transcrito por Joaquim de Carvalho, edição do **Discours Pathétique**, etc. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1922, pág. 107.

suscitou, os livros de Oliveira destacaram-se e isso deve-se, sem dúvida, ao vigor polêmico que o autor lhes imprimiu.

O que mais impressiona em **Le Chevalier d'Oliveyra brûlé en effigie comme hérétique. Comment et Pourquoi?** é a coragem que anima o escritor, certo da justiça da própria causa, é a força do pigmeu em luta com o gigante. Indivíduo isolado, vivendo em Londres pobremente dos seus escritos, sem apoios nem proteções, êste homem de sessenta anos não se deixa abater pela condenação do poderoso Tribunal e lança um livro que é um grito contra a iniquidade. Haverá talvez um pouco de auto-inflação, se assim podemos exprimir-nos, nas suas afirmações jactanciosas, um pouco de prosápia nas suas declarações. Todos êstes defeitos, porém, lhe serão absolvidos se atentarmos para a desigualdade da luta que travava, e para a grandeza de alma com que exclama, depois de atacar o adversário:

“...si je vous ai taxé si souvent dans cet Ecrit, de cruauté, d'iniquité, de fausseté, d'ignorance & d'impudence, je vous prie de ne point attribuer ces expressions à la rancune, à l'animosité ou à la haine dont vous pourriez me croire animé contre vous. Comme à mon regret je n'aurais pû dire de vous, sans mentir, que vous êtes prudents, sages, véridiques, intègres & débonnaires. La nécessité seule m'a forcée de faire usage de tous les termes par lesquels on désigne naturellement les vices opposés & contraires à ces vertus. Au reste, je vous proteste devant Dieu, sans que ma conscience me reproche de prendre ici son Saint Nom en vain, que si je pouvois vous sauver au prix de mon sang, je le repandrais sans peine & avec la même constance & fermeté avec lesquelles je me sacrifie tout entier, à l'honneur de la Vérité que je défens” (10).

A impetuosidade do estilo não lhe fêz perder a ironia. Assim, escreve:

“Si les Inquisiteurs ne m'avoient pas brûlé, ils pourroient se flatter de la possibilité de mon repentir à leur égard, & que je viendrois quelque jour me prosterner à leurs pieds & recevoir dévotement leur saine absolution. Mais présentement qu'ils me tiennent pour brûlé & réduit en poudre, bien que par la grace de Dieu n'en soit rien, sans doute qu'ils n'espèrent plus ma resipiscence, & qu'ils seront terriblement honteux, s'ils peu-

(10). — *Le Chevalier d'Oliveyra*, etc., pág. 125.

vent encore rougir de quelque chose, à la vue de cette nouvelle sortie de ma part, contre leurs dernières procédures, dont je dénonce ici à toute l'Europe, l'iniquité & la noirceur" (11).

Este opúsculo cheio de fervor, duma comovedora eloquência, não obteve na Europa culta o eco que merecia. Tratava-se, pura e simplesmente, do grito de uma consciência ferida e quem, naquele mundo perturbado de 1762, podia atentar para êstes casos isolados?

Ao que parece, o único periódico que, em França, ousou referir-se ao livro de Oliveira foi o **Journal Encyclopédique**, pela pena de um articulista anônimo. Francisco Xavier de Oliveira mantinha, há alguns anos, relações com êste periódico, que recorrera aos seus préstimos nas raríssimas ocasiões em que abordara assuntos portugueses. O Cavaleiro enviou certamente o livro ao **Journal** que, tratando-se de um colaborador, dificilmente poderia deixar de se lhe referir. Fã-lo, porém, com prudência. Para esta atitude intervêm, provavelmente, dois fatores: o equilíbrio característico do periódico, normalmente moderado nas suas afirmações, e o receio de incorrer no desagrado da hierarquia eclesiástica, então muito poderosa, mesmo em França.

De qualquer forma, o artigo manifesta-se frontalmente contra a Inquisição

"si terrible et si sanguinaire dans une religion qui abhorre le sang"

e êsse era, precisamente, o tipo de apôio que o Cavaleiro desejava e de que êle urgentemente necessitava. A Inquisição, na verdade, merecia nesta época a condenação quase unânime da Europa e perderia pouco depois a fôrça terrível que teve em Portugal durante dois séculos. O Auto da Fé que queimou o Cavaleiro (12) foi o último que se realizou em Lisboa. Dez anos

(11). — *Idem*, pág. 118.

(12). — "Por convicto no crime de heresia e apostasia, e que foi, e ao presente é hereje apóstata de nossa Santa Fé Católica, e como tal convicto, negativo, pertinaz, revel e contumaz, e que incorreu em sentença de excomunhão maior e em confiscação de todos os seus bens para o Fisco, e Câmara Real, e nas mais penas em direito contra semelhantes estabelecidas e o excluem do grêmio da Santa Madre Igreja; e que a obra que deu ao prelo, intitulada *Discurso Patético é herética, cismática, sediciosa, errônea, injuriosa à Igreja Católica Romana e contrária aos Dogmas da nossa Santa Fé que pretende arruinar; e em de-testação de tão grave crime, seja lida sua sentença no Auto Público da Fé em presença de sua Estátua, a qual com a dita obra relaxam em seu nome à Justiça Secular, para que nelas se faça inteiro cumprimento*

depois, o Marquês de Pombal proibiu oficialmente a celebração de mais execuções. E em 1783, quando Francisco Xavier de Oliveira morreu no seu exílio de Londres, já o Tribunal do Santo Ofício praticamente acabara: perdendo a independência de que sempre desfrutara e que o caracterizava, passou a funcionar subordinado ao poder real. Ao velho Cavaleiro restou a satisfação, antes de morrer, de ver cair a instituição que tão longamente combatera.

Transcendendo o problema pessoal de Oliveira, o artigo tem, porém, outro interêse, ainda maior: mostra-nos como uma revista intelectual comedida, representante da ala moderada do pensamento francês, considerava Portugal e os seus problemas ideológicos em 1762. O equilíbrio do depoimento, em contraste com a veemência da obra do Cavaleiro, concede à crítica do **Journal Encyclopédique** inegável valor. O **Journal** tinha prestígio, e chegou a contar 1.200 assinantes de todos os matices, desde o Cardeal Valenti, secretário de Estado do Papa Bento XIV, até Voltaire que em 1760 afirmou considerá-lo

“le premier des cent-soixante treize journaux qui paraissent tous les mois en Europe” (13).

O artigo que a seguir publicamos teve, pois, pelo menos, o valor de chamar a atenção do mundo culto para a “apagada e vil tristeza” em que, apesar do impulso renovador de Pombal, Portugal vivia naquela época.

*

* *

Journal Encyclopédique, ler avril 1762, pp. 69/83.

“Le Chevalier d'Oliveyra brûlé en effigie comme Héretique. Comment et Pourquoi? Anecdotes et Réflexions sur ce sujet données au public par lui-même. A Londres, de l'Imprimerie de J. Haberkorn, & se vend chez W. Nicoll, in 12, 1762.

On sait que le Tribunal de l'Inquisition, si terrible & si sanguinaire dans une religion qui abhorre le sang, & qui n'est faite que pour prêcher la patience & la douceur, a toujours été odieux à la partie la plus saine des Catholiques. On prétend qu'il flétrit trop d'innocens, pour

da Justiça; a quem pedem com muita insistência, que se o Réu em algum tempo aparecer se haja com êle benigna e piedosamente, e não proceda a pena de morte, nem efusão de sangue”, transcrito por Joaquim de Carvalho, in o. cit., pág. 116.

(13). — Prefácio a *Le Café ou l'Ecoisaise*.

pouvoir imprimer à présent aucune tâche sur les coupables qu'il condamne; qu'au contraire il semble exciter en leur faveur une sorte de compassion. On plaint aujourd'hui le P. Malagrida; d'où vient cette pitié, si ce n'est de l'horreur qu'on a conçu pour le Tribunal qui l'a jugé. (14). Le Chevalier d'Oliveyra (associé en effigie au supplice de ce vieillard, dans le dernier **Auto da Fé** tenu à Lisbonne) sensible à l'outrage qu'il a reçu, s'élève aujourd'hui contra la sentence qui l'a condamné au feu. Il en appelle, premièrement à Dieu, puis au Public; voilà les Juges auxquels il se soumet volontiers & dont il est prêt à subir l'arrêt quelque rigoureux qu'il puisse être. Nous allons rapporter avec fidélité toutes les pièces de cette cause si avilissante pour l'esprit humain.

François Xavier d'Oliveyra, membre du Tribunal des Comptes du Royaume & de la Maison Royale, & Chevalier profès du premier Ordre Militaire du Portugal, est né à Lisbonne, le 2 mai 1702, d'une famille distinguée par la Noblesse. A l'âge de 14 ans, il entra dans le Tribunal des Comptes, où il servit le Roi, jusqu'en 1734. Son père mourut alors à Vienne, où il étoit Secrétaire du Comte de Tarouca, Ministre Plenipotentiaire du feu Roi D. Jean V. Le Chevalier d'Oliveyra fut nommé pour remplacer son père; & demeura à Vienne jusqu'en 1740. Les affaires du Roi & les siennes propres l'ayant appelé en Hollande, il y resta jusqu'en 1744. Dans cet intervalle, il fit imprimer deux volumes de ses **Mémoires sur le Portugal**, le I tome de ses Voyages, & trois volumes de Lettres en Portugais. Tous ces ouvrages se seroient de la liberté du pays où ils avoient été composés, & surtout de la nouvelle manière dont l'Auteur envisageait la Religion de ses pères; il n'en étoit plus Catholique dans le coeur, mais il n'osoit encore s'en expliquer ouvertement. Il n'est pas étonnant que ces écrits aient été censurés & prohibés en Portugal. Le Père Manuel del Rosario, Inquisiteur Dominicain, examina les Lettres; & sa censure en forme d'avis, fut envoyée à l'Auteur para un Secrétaire de l'Inquisition. "C'étoit — dit le Chevalier d'Oliveyra, une pièce qui déceloit de

(14). — Nota do articulista anónimo: "La manière dont nous avons parlé de ce jésuite, dans le Journal du 1er Mars, a fait perdre le change à quelques-uns de nos Lecteurs, qui ont cru que nous le regardions comme innocent, surtout par rapport à la conspiration du 3 septembre 1758. Ce n'est pas notre pensée; nous n'avons rien décidé à cet égard, parce qu'il nous a paru qu'il n'en étoit nullement question dans la sentence. Quand nous avons prétendu qu'il méritoit plutôt les Petites-Maisons qu'un supplice infamant nous ne considérons que l'aliénation d'esprit qui paroît dans toutes les propositions qui ont servi de fondement à sa condamnation, & nullement le crime de Leze-Majesté, qui n'étoit pas l'objet du jugement".

la manière la plus évidente, la stupidité & la crasse ignorance de presque tous ces censeurs du St. Office". Nous souhaiterions que Mr. d'Oliveyra eût au moins donné un extrait de cette pièce; car il ne peut dissimuler que son jugement ne doive paraître ici très suspect. Quoiqu'il en soit, déterminé à ne plus retourner en Portugal où son démêlé avec l'Inquisition ne pouvoit manquer de lui devenir funeste, & n'ayant point en Hollande de ministre Public de cette cour, avec lequel il pût negocier sur les affaires de son père & sur les siennes, il prit le parti de se rendre à Londres. Il y trouva (en 1744) Mr. Sebastien Joseph de Carvalho, alors Envoyé de Portugal à la Cour Britannique, depuis Secrétaire d'Etat & tout récemment Comte d'Oeyras. Ce Ministre le reçut très-bien, & reconnut la justice de ses prétensions, relativement aux récompenses qui lui étoient dues pour les services de son père & pour les siens; mais il déclara qu'il ne pouvoit se mêler de cette affaire. Mr. d'Oliveyra se vit donc obligé de prendre d'autres mesures.

Cependant, devenu de jour en jour plus affermi dans sa nouvelle croyance, il se déclara Protestant, & fit, en 1746, une abjuration publique des dogmes de l'Eglise Romaine. Il se flattoit de réussir dans ses affaires, avant que cette démarche transpirât à Lisbonne; mais un créancier qui le poursuivait impitoyablement pour une petite somme qu'il n'étoit pas en état de payer, lui fit perdre la liberté & toutes ses espérances du côté du Portugal, où son changement de religion eut tout le tems de se répandre. Il se trouva alors dans une situation déplorable; ses amis, ses parens, dont ils étoit attiré le refroidissement ou l'indignation par l'éclat qu'il venoit de faire, l'abandonnerent au point de ne pas répondre même aux lettres qu'il leur écrivoit: il ne lui restoit rien de 500 livres sterling qu'il avoit en argent comptant en arrivant à Londres. Son courage le soutint dans une si grande extrémité. Mr. Majendie qui l'avoit déterminé à abjurer, vint à son secours, & ses bons offices lui procurèrent des Protecteurs & des Amis; cependant il ne recouvra le repos & la liberté qu'après plus de 18 mois de captivité & de souffrance. En 1751, il publia un ouvrage en trois volumes sous le titre d'**Amusement Périodique**; il en parut quelques exemplaires à la Cour de Lisbonne, mais ou eut soin de les supprimer si à propos, qu'ils ne servirent qu'à revolter les Inquisiteurs, sans exciter le moindre bruit, ni la moindre censure. La santé de Mr. d'Oliveyra s'étant affoiblie en 1753, il se retira à la campagne, dans le village de Kentish-Town; il y vécut tranquillement jusqu'à la fin de 1755. Le désastre de Lisbonne, qu'il ne put apprendre sans répandre

des larmes sur le malheur de ses Compatriotes, lui fit reprendre la plume, & il composa son **Discours Pathétique**. Cet écrit eut un succès prodigieux à Londres, mais à Lisbonne son sort fut bien différent. La lecture en fut défendue par une lettre pastorale sous peine d'excommunication. Comme la censure de ce Discours portoit qu'il renfermoit des nouveautés dangereuses & tendantes à la sédition, l'Auteur pour détruire cette accusation, donna en 1757, une **Suite du Discours Pathétique**. Ce sont différentes propositions contenues dans les ouvrages de Mr. d'Oliveyra, & avouées par lui, qui ont occasionné la sentence de l'Inquisition contre laquelle il élève aujourd'hui sa voix. Les voici telles que l'Auteur nous les donne lui-même.

La loi de Dieu, selon qu'elle se trouve dans le Chap. XX de l'Exode, livre que tous les Chrétiens, d'accord avec le Peuple Juif, croient avoir été dicté par l'esprit du même Dieu à son Serviteur Moïse, n'a pas pu jusqu'ici pénétrer en Portugal, au moins dans toute sa pureté.

L'invocation & l'adoration des Saints sont expressément défendues par le second Commandement de la première Table de la Loi.

Le Corps, l'âme, le sang & la divinité de J. C. ne se trouvent réellement ni dans toute l'hostie, ni dans aucune partie des hosties consacrées dans le sacrifice de la Messe.

Le Purgatoire est une chimère qui n'existe que dans l'idée des esprits foibles.

Le pouvoir du Pape doit être restreint de manière qu'il ne porte jamais atteint à l'autorité de Sa Majesté Très-Fidèle.

Le Portugal ne sera jamais heureux avant l'entière abolition du Tribunal du St. Office; et les intérêts de ce Royaume demandent absolument que le Souverain permette aux Juifs d'avoir une Sinagogue, dans le même palais dont les Inquisiteurs sont aujourd'hui en possession.

Le Chevalier d'Oliveâra condamné, non seulement pour avoir avancé ces propositions, mais encore parce que ses Ecrits, selon ses Juges contiennent des **doctrines nouvelles, dangereuses, pernicieuses & tendantes à la sédition** examiné, dans cet ouvrage, ces différents chefs d'accusation & prétend les détruire par de bonnes raisons. Nous ne nous arrêterons pas à les discuter, en ce qui concerne les dogmes qu'il attaque; il n'est point de Catholique qui ne s'aperçoive que c'est un Hérétique qui parle. Notre Auteur ne dit rien de nouveau sur ce sujet; il aura sans doute raison aux yeux des uns, & beaucoup de tort aux yeux des autres; au lieu de ces vains efforts pour arracher ses Compatriotes à la foi de nos pères, nous

croyons qu'il eût été plus utile de s'attacher uniquement à prouver que le **Despotisme de L'Inquisition est le fléau de la vertu, qu'il avilit & dégrade les âmes, ce qu'il se contente d'avancer.**

Nous allons suivre ici l'exemple de l'Auteur qui perd de vue les propositions qui le concernent, pour parler un moment de celles du Père Malagrida. Les Inquisiteurs, dit-il, bien déterminés à perdre ce Jésuite, saisirent donc une occasion qu'il leur présenta lui-même, le plus follement du monde. "Le Marquis de Tancos, Général en Chef de la Province d'Estramadure, étant venu à mourir, le Chateau de Lisbonne & toutes les forteresses sur le bord du Tage, firent des décharges lugubres & continuelles à son honneur, selon l'usage ordinaire. Malagrida ayant entendu dans son cachot ces décharges réitérées, faites d'une manière extraordinaire, & même pendant la nuit, s'imagina à l'instant que le Roi étoit mort. Le lendemain, il demanda audience; les Inquisiteurs la lui accordèrent, & il leur dit: que Dieu lui avoit ordonné de montrer aux Ministres du St. Office qu'il n'étoit point un hypocrite ainsi que ses ennemis le prétendoient, puisque la mort du Roi lui avoit été révélée *ab alto* & qu'il avoit eu une vision intellectuelle des peines auxquelles l'âme de Sa Majesté étoit condamnée, & des reproches qui lui étoient faits dans l'autre monde, pour avoir persécuté & exterminé les Religieux de son ordre".

Voici quelques nouvelles propositions que nous n'avons pas rapportées en parlant de Malagrida dans le Journal du 1 Mars; elles sont tirées du livre intitulé **Tractatus de vita & Imperio Antichristi**. "Lorsque la Ste. Vierge lui ordonna d'écrire sur cette matière, elle lui dit: **Tu es Jean, après un autre Jean, mais beaucoup plus clair & plus profond. Si l'on entend bien les Saintes-Ecritures — dit le P. Malagrida — on doit s'attendre à voir paroître trois Ante-Christes, savoir le Père, Le Fils & le Petit-Fils. Comme il est impossible qu'un seul puisse subjuguier, ou ruiner tout le monde, il est plus naturel de croire que le premier Antechrist commencera l'empire, que le second l'étendra, & que le troisième fera les desordres & causera les ruines dont il est parlé dans l'Apocalypse. Le dernier Antechrist aura pour père un Moine & pour Mère une Religieuse: il verra le jour dans la ville de Milan en Italie, l'an 1920, & il épousera une des furies infernales, nommée Proserpine. Le seul nom de Marie, sans être accompagné du mérite des bonnes oeuvres, ayant fait le salut de quelques créatures, la mère de ce dernier Antechrist, qui s'appellera Marie, sera sauvée à cause de ce nom & par égard pour l'ordre religieux dont elle sera professe. Les Religieux de la Société de Jesus, seront**

les fondateurs d'un nouvel empire, destiné à Jesus Christ, & ils feront la découverte de plusieurs nations très-nombreuses. L'Ecclesiastique le plus inutile & le plus imparfait, surpasse toujours en mérite le Laique le plus zélé & le plus parfait.

Le P. Malagrida confessa de vive voix devant les Inquisiteurs: que Dieu lui-même l'avoit déclaré son Ambassadeur, son Apôtre & son Prophète. Que Dieu l'avoit uni à lui par une union habituelle, que la Vierge Marie, avec l'agrément de Jesus Christ & de toute le Sainte Trinité, l'avoit déclaré son fils. Qu'afin de soulager les peines du Purgatoire, il lui avoit été ordonné plusieurs fois, ab alto, de reciter quarante fois de suite son chapelet, ce qui l'avoit souvent obligé à ne dormir qu'une ou deux heures par jour, chose qui naturellement paroissoit impossible; & que c'est pour cela que Dieu lui avoit dit lui-même, que sa vie étoit un miracle continuel & une oeuvre de sa toute puissance... — Que la Vierge Marie lui administroit tous les jours l'absolution des fautes qu'il pouvoit avoir commises, en ces termes: Dominus noster Jesus-Christ filius meus te absolvat; & ego autoritate ipsius te absolvo ab omnibus peccatis tuis & poenis: in nomine Patris, & Filii, & Spiritus Sancti. Que la Ste. Vierge lui avoit aussi promis de défendre & de protéger la Société des Jésuites, en lui disant: inimici erimus inimicis ejus. Que même dans le cachot où il se trouvoit, le Diable l'avoit tenté sous une figure de femme, & excité à ressentir au dedans de lui, par la permission de Dieu, les principes de ces effets naturels qui arrivent dans les occasions semblables, où ces sentiments sont volontaires, & dirigés à l'accomplissement de la turpitude, que ces mouvements de la chair (15) lui avoient fait dans les commencemens beaucoup de peine, craignant que le Diable ne s'en mêlât, mais qu'il lui avoit été révélé ab alto qu'il n'y avoit point de péché en cela, parce que ces mouvements ne provenaient que de l'effet naturel d'une agitation involontaire, par laquelle même il avoit méritée autant que par la prière”.

Nous revenons à Mr. d'Oliveyra, qui prétend que ce qui fit défendre en 1755 la lecture de ses ouvrages, sous peine d'excommunication, ce furent ses réflexions sur les procédures du St. Office et nullement ses hérésies. “Il n'est pas douteux, dit-il, qui c'est cela même qui a porté cet injuste tribunal à me condamner à mort”.

Ainsi les Inquisiteurs ne doivent pas s'attendre qu'il retracte ses sentiments; mais plutôt que sensible à leur mechanceté il la publie à toute la terre & les livre à l'indignation de tous les gens de bien. Parmi ces gens de

(15). — Nota do articulista anónimo: “Il est bon de savoir que le Pe. Malagrida étoit alors âgé de 72 ans”.

bien il comprend les Catholique qu'il distingue des **Papistes**: "Une partie de l'Italie, toute l'Espagne & tout le Portugal où règne l'Inquisition, sont, dit-il, des pays entièrement dévoués aux volontés & au despotisme d'un mortel artificieux & malin, qu'ils respectent & qu'ils adorent comme un Dieu... Ce sont ces peuples que j'appelle du nom de **Papistes**. Le grand Royaume de France, la sage & florissante République de Venise, une bonne partie de l'Allemagne & de la Suisse, &c. j'appelle ces Nations du nom de **Catholiques Romains**, sens y attacher l'idée de stupidité, que paroît inséparablement liée au mot de **Papisme**".

Il compare les Inquisiteurs à ces Bracmanes appelés **Buths**; ce sont des Prêtres, des Docteurs, des Inquisiteurs Indiens qui s'arrogent les titres d'**hommes de Dieu**. Leur autorité est si grande & si despotique sur les peuples, parmi lesquels ils se sont établis, qu'ils ne veulent permettre ni doute, ni examen, après qu'ils ont parlé. Quand ils ont décidé qu'un malade tombé en syncope ou en léthargie, ne peut revenir de cet état, sur le champ leur loi le condamne à la mort, moyen sûr de faire passer leurs jugements pour infaillibles.

Nous ne nous arrêterons pas à plusieurs autres traits, où le ressentiment de l'Auteur cherche à peindre des couleurs les plus noires, le prétendu aveuglement & l'injustice qu'il suppose à ses juges. Nous remarquerons seulement que Mr. d'Oliveyra, en cherchant à défendre sa cause, mêle un peu trop d'emportement & d'aigreur à des raisons dont les principes sont d'ailleurs les plus vicieux. Nous pouvons encore dire que sa défense, où il y a de la force en quelques endroits, manque presque partout d'adresse; c'est moins sa propre cause qu'il défend, que celle du Protestantisme, qu'il brûle d'inspirer à ses Compatriotes. N'est-ce pas trop entreprendre? Peut-il se flatter, lui qui les accuse d'être plongés dans les plus épaisses ténèbres de la superstition, que leurs yeux ne seront pas vivement blésés du grand jour, où il prétend avoir exposé les vérités importantes de la religion nouvelle qu'il veut leur faire embrasser? Qui prouve trop, ne prouve rien; c'est un axiome trivial, mais l'application en est ici si juste & si naturelle, que nous ne craignons pas d'en faire usage. Mr. d'Oliveyra doit se contenter de chercher à convaincre ses compatriotes de l'abus que les Inquisiteurs font de leur autorité, s'il est vrai qu'ils soient tels qu'il veut le faire entendre. Quoiqu'il en soit, en lisant ce dernier ouvrage, il ne vient pas dans l'esprit de soupçonner l'Auteur de vues intéressées; on y remarque un air de bonne foi, à laquelle cependant il mêle un peu

trop d'enthousiasme par les nouvelles opinions qu'il a embrassées. Nous ne doutons pas qu'il n'ait le plus grand succès dans les pays Protestans; il est écrit en françois; mais à mesure que les feuilles sortoient de dessous la presse, on en faisoit faire une traduction en Anglois, qui a paru presque en même temps".

VITOR RAMOS

da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis
(Estado de São Paulo)